EDUCAÇÃO HISTÓRICA: A TEMÁTICA RELIGIÃO NA FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DE ALUNOS BRASILEIROS E PORTUGUESES[1]

THE RELIGION THEME IN CONSCIOUSNESS HISTORICAL OF STUDENTS BRAZILIAN AND PORTUGUESE

EDUCACIÓN HISTORICA: LA CUESTIÓN DEL RELIGIÓN EN LA FORMACIÓN DE LA CONCIENCIA HISTÓRICA DE LOS ESTUDIANTES BRASILEÑOS Y PORTUGUÉS

Maria Conceição Silva[2]

Resumo: O objetivo desta pesquisa é investigar a temática religião (história das religiões) em narrativas de alunos brasileiros e portugueses, observando as aprendizagens escolares. Foi coletado um conjunto de fontes em escolas públicas de Goiânia (Brasil), Braga, Guimarães e Vila Nova de Famalicão (Portugal), nas quais se aplicou a metodologia de pesquisa da Educação histórica que, por sua vez, tem priorizado um tipo de fonte bastante peculiar para observar aspectos importantes narrados pelo aluno como, por exemplo, a sua consciência histórica. Seguindo este percurso investiguei a consciência histórica de alunos, entre 13 e 15 anos, associada à sua vivência social e escolar a respeito da temática Religião ensinada em aulas de História.

Palavras-chave: Consciência Histórica; Religião; Educação histórica; Narrativas; Brasil; Portugal.

Abstract: The objective of this research is to investigate the theme religion (history of religion) in narratives of Brazilian and Portuguese students, observing the school learning. We collected a set of sources in public schools in "Goiania" ("Brasil"), "Braga", "Guimarães" and "Vila Nova de Famalicão" ("Portugal"), in which it applied the methodology research the in historic education that, in turn, has prioritized a font peculiar in that observe aspects important narrated by the student, for example, their historical consciousness. Following this route I investigated the historical consciousness of students between 13 and 15 years,

[1] Uma primeira versão desta pesquisa foi apresentada com o título: *A temática religião na formação da consciência histórica de alunos brasileiros e portugueses*, no XII Congresso Internacional das Jornadas de Educação Histórica - "Consciência Histórica e as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação", entre os dias 18 e 21 de Julho de 2012, na Universidade Federal do Paraná, pelo Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica (LAPEDUH).

[2] Universidade Federal de Goiás/Regional Goiânia (UFG), Goiânia, GO, Brasil. E-mail: mariacsgo@gmail.com

associated with their social life and school the themes linked the religion in history classes.

Key words: Historical Consciousness; Religion; History Education; Narratives; *Brazil*;Portugal.

Resumen: El objetivo de este trabajo es investigar la religión tema (historia de las religiones) en las narraciones de los estudiantes brasileños y portugueses, observando el aprendizaje escolar. Hemos recogido una serie de fuentes en las escuelas públicas de «Goiania" ("Brasil"), "Braga", "Guimarães" y "Vila Nova de Famalicão" ("Portugal"), en la que se aplicó la metodología de la investigación de la educación histórica que, a su vez, ha priorizado un peculiar tipo de letra en que observar aspectos importantes narrados por el estudiante, por ejemplo, su conciencia histórica. Siguiendo esta ruta investigué la conciencia histórica de los estudiantes entre 13 y 15 años, asociados a su vida social y escolar de los temas vinculados a la religión en las clases de historia.

Palabras chave: La conciencia histórica, Religión, historia de la educación, narraciones, Brasil, Portugal.

Introdução

Esta pesquisa traz resultados do projeto desenvolvido com o título *Educação histórica e religião*[3]*: perspectivas brasileiras e portuguesas*,[4] na qual se investiga as aprendizagens referentes à história da religião como temática ensinada em aulas de História no Brasil e em Portugal.

No decorrer da pesquisa foi importante o aporte teórico e metodológico da Didática da História e da Educação Histórica, considerando as contribuições para a área da História. A Didática da História traz subsídios teóricos ao direcionar seu olhar para a especificidade do ensino, sobretudo ao propor uma nova Didática da História desenvolvida por historiadores. A Educação histórica ao apreender os aportes teóricos da Didática da História traz à luz metodologias, bem como a especificidade de fontes para análises das aprendizagens escolares.

Nesse sentido, foi possível analisar narrativas de alunos, observando como as aprendizagens trazem ou não referências à história da religião. Um conjunto de fontes empíricas[5] coletado em escolas de Goiânia (Brasil), e de Braga, Guimarães e Vila Nova de Famalicão (Portugal), forneceu o fio condutor para se aplicar o método de investigação proposto pela Educação

[3] Não se pretende fazer defesa de nenhuma vertente religiosa, seja qual for ela. O objetivo é investigar as religiões estudadas na disciplina História no Brasil e em Portugal.

[4] Pesquisa desenvolvida como Pós Doutoramento pela Universidade Federal do Paraná sob a orientação da profa. Dra. Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt.

[5] Os alunos estavam numa faixa etária entre 13 e 15 anos.

histórica já alguns anos[6].

A problematização da pesquisa centrou-se na forma e como a temática religião (história das religiões) é apresentada como conteúdo escolar da disciplina História. Coube observar em fontes empíricas, se o conhecimento narrado aponta para "uma orientação temporal mais fundamentada e objetiva" (BARCA, 2011, p. 7), ou para uma "carência de orientação" (RÜSEN, 2010, p.51-77).

Educação Histórica: as fontes de pesquisas

As pesquisas em Educação histórica contam com um método próprio tanto para a coleta quanto para a análise das fontes empíricas, "fontes vivas" (narrativas de alunos) (SADDI, 2011), coletadas por um instrumental piloto elaborado em conjunto entre pesquisador e professor. O instrumental é respondido pelos alunos em sala de aula na presença do pesquisador ou do professor. Para a investigação da fonte empírica faz-se necessário aplicar teoria e prática (BARCA, 2011).

O conjunto das fontes coletadas, no Brasil e em Portugal, permite investigar as ideias tácitas que os alunos apresentam como aprendizagem escolar, associada ao seu mundo (sua comunidade) e ao mundo dos outros. É possível problematizar o tipo de conhecimento narrado sobre as temáticas ensinadas em aulas de História. Cabe lembrar que é especificidade da Educação histórica lidar:

> [...] com fontes vivas, pessoas que ainda estão presentes e que dialogam vivamente com o investigador. Tais estudos se propõem a produzir suas próprias fontes empíricas, ao aplicar questionários, realizar entrevistas, produzir diferentes exercícios de cognição com os quais podemos identificar o modo como os alunos pensam historicamente. (SADDI, 2011, p. 543-544).

As investigações acerca do conhecimento prévio de jovens (alunos) trazem preocupações com o desenvolvimento da "cognição histórica", no sentido de uma "cognição histórica situada" (SCHMIDT, 2009, p. 21). Nesta linha de investigação, resguardam-se algumas diferenças como, por exemplo, a metodologia para a coleta de fontes "vivas", ou seja, as narrativas de alunos em processo de escolarização básica ou de outros níveis que dialogam diretamente com o pesquisador. O trabalho com este tipo de fonte vem apresentando resultados promissores, notadamente ao aplicar-se a teoria da consciência histórica, de Jörn Rüsen, para uma meta-história ou para uma meta-hermenêutica (SADDI, 2011), ou para uma cultura histórica em ambiente escolar e social.

[6] Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Goiás/Brasil.

As observações postas por Jörn Rüsen, a respeito da relevância dada à "[...] teoria da história assume, [...] no campo da formação histórica, uma função didática de orientação" (RÜSEN, 2001, p. 49), seja das carências pelas perdas afetivas ou de outras naturezas. Segundo este autor: "O ensino de história nas escolas é um campo de inúmeros fenômenos do aprendizado histórico" (p. 51), cujo interesse volta-se para a aprendizagem do que se ensina, avaliando a importância da fonte e do método de investigação. Rüsen defende a necessidade de "[...] uma disciplina científica que se ocupe do ensino e da aprendizagem da história" (2001, p. 50-51). A partir das contribuições deste autor e de outros autores, a Educação histórica pôde, nas últimas décadas, apreender caminhos com as experiências de pesquisas em "fontes vivas" e com a discrição teórica, sobretudo ao investigar a "consciência histórica" de jovens escolares. Tanto Rüsen quanto pesquisadores de Educação histórica trazem importantes reflexões sobre "o quadro dos fundamentos do ensino de história 'currículo' [...]" (RÜSEN, 2001, p. 50), das abordagens temáticas ensinadas aos alunos. Alguns professores/pesquisadores reunidos no grupo de Educação histórica em Portugal, Brasil, Espanha e outros países, preocupados com o ensino da história nas escolas, vêm indagando as aprendizagens escolares e assinalando a importância de se efetivar a verdadeira "cognição histórica situada" (SCHMIDT, 2009). Pois, a narrativa do aluno se constitui a partir da aprendizagem, do que é ensinado em aulas de História e também aprendido em outros locais.

Há, portanto, preocupação no sentido de se entender as metodologias de ensino e a aprendizagem ("cognição histórica situada"), de temas do currículo da História nas escolas, de um modo geral. Pesquisadores deslindam o universo escolar (aprendizagens) e apresentam suas contribuições sobre narrativas produzidas por alunos acerca de temas estudados. O tratamento dado às fontes empíricas tem revelado a aprendizagem, trazendo à luz a subjetividade e o fundamento do objeto escolar (processo de conhecimento histórico). Nesse tipo de fontes se observa o sentido da história ensinada em aulas, ou a originada do espaço social do estudante, ou da comunidade, e/ou de outros.

A Educação histórica procura dar sentido ao conhecimento que o aluno traz do seu mundo social (fora da escola), considerando que quando este chega à escola emanam alguns conceitos já formados. Não se desprezam as ideias (prontas) do jovem (BARCA, p. 2001). Nesse sentido, pesquisadores chamam a atenção para que o professor da escola avalie a importância do "conhecimento prévio" que o aluno traz de sua comunidade. É importante a apreensão de alguns artifícios para o exercício do ensinar, esquadrinhando novas "metodologias de instrução" (RÜSEN, 2001), ou de informação e comunicação social, cultural e política para o ambiente escolar.

Dessa forma, cabe apreender as metodologias que auxiliam o professor a ensinar temas históricos aos jovens nas escolas, tornando, assim, a aprendizagem aprazível. Ao professor cabe a tarefa de ajudar o aluno a elaborar um pensamento histórico (BARCA; SCHMIDT). O objetivo dos professores/pesquisadores na linha da Educação histórica é contribuir com o ensino de história para uma melhor aprendizagem escolar. Assim, o campo da história se torna prazerosa, seja para o aluno que aprende ou para o professor que ensina. Alguns elementos são importantes por conectarem-se a outros, tornando a aprendizagem significativa. Esses elementos precisam ser estabelecidos para a história ter sentido. E um dos fios desse caminho é unir teoria e prática. E, deste modo, valorizar o conhecimento adquirido fora da escola. Neste aspecto, os [...] referenciais supremos que emprestam significado à ação e à paixão (RÜSEN, 2001, p. 31) são pertinentes a esta pesquisa que investiga o pensamento histórico de alunos brasileiros e portugueses referente à temática religião. As narrativas de alunos foram coletadas com um instrumental piloto único e, em seguida, investigadas no sentido de se observar como eles narram uma história das religiões no passado, ou no tempo presente, ou de "outras gentes". Esse tipo de fonte é importante para a compreensão da "consciência histórica" dos alunos investigados. Entretanto, cabe considerar que a "[...] teorização da consciência histórica recoloca o sujeito na História [...]" (BARCA, 2011). Esta autora mapeou em narrativas de estudantes portugueses, moçambicanos, caboverdianos e brasileiros[7], os seguintes conhecimentos sobre os tipos de consciência:

> a) uma consciência tradicional, com apego dogmático às tradições e a uma visão de passado fixo que deve permanecer imutável; b) uma consciência exemplar, que valoriza as 'leis' da história enquanto lições seguras para o futuro; c) uma consciência crítica, que simplesmente recusa um certo passado e advoga a sua desconstrução para criar o oposto; d) uma consciência genética, em que a história é encarada como fonte de compreensão do mundo (2011, p. 7).

A autora leva em conta o conhecimento histórico dos alunos desses países, considerando as quatro tipificações postas por Jörn Rüsen (2010). Para Barca, as tipificações são níveis de consciência histórica dos estudantes a respeito de seu mundo e do mundo dos outros. Desse modo, os tipos de consciência histórica, propostos por Rüsen e deslindados por pesquisadores da Educação histórica são investigados em narrativas de alunos brasileiros e portugueses, que expressam em forma de um texto o que sabem acerca da temática Religião.

[7] A pesquisa em narrativas de alunos de países como Portugal, Moçambique, Cabo Verde e Brasil, entre 15 e 17 anos de idade, intitula-se "Narrativas históricas de alunos em espaços lusófonos", foi apresentada nas XI Jornadas internacionais de Educação histórica, – Consciência histórica na era da globalização– na Universidade do Minho, Braga, em julho de 2011.

As fontes de pesquisa: método de coleta

Para esta investigação, a coleta das fontes empíricas no Brasil e em Portugal ocorreu através de um instrumental (piloto) aplicado aos alunos em sala de aula pelos professores de História[8]. O instrumental traz um eixo orientador para os alunos por meio de palavras-chave ligadas ao "conceito substantivo", *colonização portuguesa,* e aos conceitos de "segunda ordem" (LEE, 2005).

A tarefa principal a ser respondida foi:

> Escreva uma carta para um amigo, que mora em outra cidade, contando a história de alguma religião que esteja ligada com os tempos em que o Brasil era uma colônia de Portugal. As palavras do balão[9] podem ajudar você a refletir sobre o catolicismo ou outras religiões.

Os estudantes do 8º ano, tanto no Brasil quanto em Portugal, desenvolveram a pergunta elaborando um texto. O texto produzido (narrativa) é interpretado pelo pesquisador a partir dos referenciais teóricos da Educação histórica como exercício de "cognição histórica", ou melhor, de "cognição histórica situada" (SCHMITD, 2009, p. 21-51). As fontes são produzidas de forma a permitir a investigação das aprendizagens escolares.

Para a análise das fontes, das narrativas dos alunos brasileiros e portugueses[10], procedeu-se uma classificação metodológica, numericamente por ordem crescente, cada ficha recebeu um número com um nome fictício. Após o tratamento classificatório das fontes, processou-se, então, a investigação das narrativas dos alunos. O objetivo era observar o tipo de consciência histórica narrada pelos alunos, ou seja, se apresentam e comunicam conceitos históricos sobre religião. Se as narrativas expressam uma consciência histórica mais elaborada da história da religião no Brasil relacionada à história portuguesa do passado, do presente e de perspectivas futuras. Considero, ainda, as diferenças religiosas em relação aos dois países na atualidade ou no passado.

[8] No Brasil, contou-se com a colaboração da professora Giovanna Schitinni, do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação/UFG; professora Maria Divina Cardoso, da Escola Municipal professora Dalísia Doles. Em Portugal, com a colaboração da professora Doutora Manuela Afonso, da Escola André Soares, de Braga; e da professora Doutora Helena Pinto, da Escola S. Torcato, de Guimarães; e da professora Elisa Carvalho, da Escola Secundária de Camilo Castelo Branco, de Vila Nova de Famalicão. Agradeço o imenso esforço de todas elas e da professora Doutora Isabel Barca que possibilitou o acesso às escolas portuguesas.

[9] Optou-se por apresentar aos alunos os conceitos substantivo e de segunda ordem. O objetivo era despertar o interesse para a elaboração da tarefa principal, do exercício de cognição histórica.

[10] Narrativas de alunos das escolas de Goiânia: 1- Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação/CEPAE/UFG, 2- Escola Municipal Profa. Dalísia Doles. Narrativas de alunos de escolas de Portugal: 1- Escola André Soares, em Braga, 2-Escola São Torcato em Guimarães, 3- Escola secundária Camilo Castelo Branco, em Vila Nova de Famalicão.

Narrativas dos estudantes:
perspectivas de consciência histórica sobre religião

O conhecimento prévio de alunos portugueses sobre a história religiosa no processo de colonização do Brasil, em sua maioria apresenta concepção de um lugar, onde se instalou o catolicismo, sendo que a fé nos deuses e santos ajudou a acabar com a "feitiçaria dos povos brasileiros". Esses alunos expressam, assim, uma consciência histórica pautada pela convivência religiosa cultural da sua comunidade, seja da cidade de Braga, de Guimarães ou de Vila Nova de Famalição. Nestas cidades, podem-se observar como a cultura cristã, de vertente católica apresenta-se fortalecida e está presente no dia a dia das pessoas.

Na trilha das reflexões de Jörn Rüsen e Isabel Barca a respeito das tipologias de "consciência histórica" e da "competência narrativa", entende-se que o conhecimento dos alunos portugueses traduz "uma consciência tradicional, com apego dogmático às tradições e a uma visão de passado fixo que deve permanecer imutável" (BARCA, 2011, p. 7), como, por exemplo, a narrativa da aluna Lúcia.

> Nos tempos da colonização do Brasil a religião católica instalou-se no Brasil, onde as pessoas que lá habitavam começaram a acreditar na fé.
> Começaram a idolatrar certos deuses e santos, acreditavam na religião imposta. E aos seus olhos o inferno era um lugar maléfico, ao contrário do céu, que a seu ver era um lugar bondoso. Ao contrário de outras religiões a cristã é razoável, porque as pessoas têm liberdade de expressão e não precisam de se sacrificar como noutras religiões. (Lúcia, 13 anos de idade. Escola E.B. 2,3 André Soares).

A aluna expressa uma consciência de como a religião católica se instalou no Brasil, sendo uma herança que permanece nos dogmas e nas tradições portuguesas. A cidade de Braga situa-se ao Norte de Portugal. Durante os doze meses do ano realizam-se diversas comemorações de caráter religioso como a festa de São João, a Semana Santa (Páscoa), Braga Romana, a procissão dos passos, as peregrinações ao Sameiro, a procissão do corpo de Deus, a festa em honra do Divino Espírito Santo, a peregrinação à senhora da Cabeça, a Romaria de Santa Marta, as festas dos Patronos, o Dia da Cidade e outras festividades cristãs. Estas festas além do conteúdo litúrgico cristão expressam uma identidade cultural cristã e social. Daí, a história que a aluna narra deve ser a do seu mundo social marcado pelo contexto da religiosidade bracarense. O convívio com as festividades religiosas permite elaborar um conhecimento da história local religiosa, diferentemente dos alunos brasileiros da cidade de Goiânia, região Centro Oeste do Brasil.

A concepção de catolicismo da aluna Lúcia é pela "liberdade de expressão", de não sacrífico. Todavia, ela reconhece a imposição do catolicismo aos habitantes do Brasil. Nesta questão caberia perguntar: – quem seriam os habitantes do Brasil à época da colonização portuguesa? Os índios; que religião professavam?

Nenhum estudante português revelou ter uma consciência histórica sobre a população indígena à época da colonização. Já os brasileiros mostraram ter conhecimento da história indígena, bem como a dizimação exercida sobre esse povo da América portuguesa. Em suas narrativas, os alunos brasileiros mostraram uma consciência histórica acerca da condição dos indígenas no passado e presente.

Cabe salientar que os livros didáticos brasileiros apresentam em vários capítulos textos sobre os indígenas[11], seja sobre a condição dos índios à época da colonização, seja na atualidade. A perspectiva histórica estruturada pela Lúcia é de um passado "imutável", que é reciclado a cada ano pelas festividades religiosas, como as que se observam nas cidades Braga, Guimarães e Vila Nova de Famalicão. Todavia a sua narração revela muito pouco a respeito de uma consciência histórica do Brasil, seja a religiosa ou de outros aspectos de sua população.

O conhecimento da maioria dos alunos apresenta-se apenas uma "[...] consciência genética, em que a história é encarada como fonte de compreensão do mundo" (BARCA, 2011, p. 7). Por este caminho é possível entender que:

> O passado dá concreticidade aos nossos conceitos. Em muitas áreas do conhecimento, o passado é a referência para o nosso conhecimento de regras e para a nossa capacidade de selecionar acontecimentos. Alternativamente, o passado será o árbitro quando se precisa determinar se a aplicação de uma regra pode ser satisfatória ou não (LEE, 2011, p. 20).

Já a narrativa da Luiza, expressa uma consciência histórica genética, interpretando a colonização portuguesa no sentido de não ter trazido bons resultados ao Brasil.

> Querido amigo,
> Hoje em história demos a colonização do Brasil, sabes? Quando os Portugueses descobriram o Brasil? Quando lhes apresentamos o Catolicismo e os fizemos "escravos" nossos. Um verdadeiro inferno para eles. Apresentamos-lhes a Igreja Católica, o batismo, o Céu. A nossa adoração a Deus, como a idolatramos. O que é que tu destes? (Luiza, 14 anos de idade. Escola E.B. 2,3 André Soares).

[11] Os estudos sobre os indígenas fazem parte das políticas públicas das minorias, desde então, os materiais didáticos aprovados em PNLDs trazem várias discussões sobre este tema.

Essa aluna reconhece que os portugueses apresentaram aos brasileiros o catolicismo, o batismo e o céu, mas os fizeram escravos. A sua visão de colonização é de um inferno, mas a sua consciência histórica expressa "apego à tradição dogmática". Assim, ela apresenta um conhecimento estruturado, de que a religião católica trazida ao Brasil seria de conformismo e resignação, como se a Igreja Católica, ou o catolicismo, fosse o caminho para a salvação. É uma consciência histórica bíblica e "genética". A aluna Luiza, não menciona nenhum conhecimento de outras religiões, mas reconhece o inferno português implantado nos Trópicos.

Em outra narrativa, a aluna Elma apresenta uma consciência histórica próxima à da Luiza. Para ela, a religião cristã (católica) é o encontro com Deus. Reconhecendo apenas o significado desse eterno encontro com o "criador de todas as coisas", uma vez que todos deveriam acreditar em Deus.

> No tempo em que o Brasil era uma colônia de Portugal, as pessoas eram cristãs, acreditavam em Deus. Os cristãos logo de pequenos era batizados, fazendo desde cedo parte dos filhos de Deus. A igreja é a casa de Deus, ou seja é um lugar onde podemos comunicar com Deus cantando ou rezando. Deus é o nosso pai do céu criador de todas as coisas, ensina-nos a sermos bons, para ser-mos alguém na vida, no futuro. Temos que ser bons na terra para que um dia mais tarde nos podermos sentar o seu lado, e não cair no inferno. (Elma, 14 anos. Escola E.B. 2,3 S. Torcato, Guimarães)

Já o aluno Breno mostra conhecimento da história das religiões, sobretudo ao longo da história da humanidade como elemento agregador de população. Ele cita o exemplo dos judeus cuja unidade está na religião. A consciência histórica deste aluno é fundamentada a partir do viés religião, história, população, o predomínio do cristianismo em Portugal. Ele manifesta ter conhecimento de outras religiões além da católica.

> As religiões, ao longo da historia da humanidade sempre constituíram factores agregadores da população, como são exemplos a unidade do povo judeu com base na religião judaica.
> A religião que predomina em Portugal é a cristã.
> Em Portugal a maioria dos cristãos são católicos noutros países a maioria é protestante e noutros ortodoxos. (Breno, 14 anos de idade, E. B. 2,3 André Soares, Braga)

Os estudantes portugueses apresentam uma consciência histórica da colonização do Brasil, pelo viés da religião católica como doutrina e extermínio da magia. Na concepção desses alunos a fé é o princípio da natureza do homem, como um dogma português que prevaleceu. Não expressam perspectivas de orientação histórica no sentido do rompimento ou de conflito religioso. O que se observa é "uma consciência exemplar,

que valoriza as 'leis' da história [portuguesa] enquanto lições seguras para o futuro" (BARCA, 2011). Assim é a consciência histórica deles sobre a doutrina cristã implantada ao Brasil. A ideia de história no passado e presente circunscreve-se às regras do catolicismo pelo viés bíblico, de conformismo, sem, no entanto, apresentar uma concepção sobre a presença de outras crenças e outros cultos.

As narrativas de estudantes portugueses e brasileiros exteriorizam um tipo de conhecimento histórico pontuado pela diversidade religiosa. Os alunos portugueses trazem uma consciência histórica de um passado da longa duração, de "tradição" e de uma cultura cristã, cuja concepção é de que o catolicismo ordenou o caos e, assim, é a história cristã bíblica, de dominação.

Na consciência histórica dos alunos portugueses, o Brasil seria o mundo desprovido da concepção cristã e só o cristianismo, ou seja, o catolicismo português seria capaz de implantar a fé e livrar a população brasileira do inferno. Não reconheceram a existência de uma história das religiões a partir de estudos históricos.

Os alunos brasileiros, por sua vez, apresentam uma consciência histórica pelo viés da diversidade religiosa, de uma concepção religiosa multicultural como catolicismo, evangélicos, afro descendentes, espíritas e outros. Para esses alunos, o Brasil é um país multicultural, lugar de convívio das linguagens múltiplas em seus variados aspectos religiosos e culturais. A consciência de religião desses alunos é pouco orientada pelo viés da colonização portuguesa, sendo muito mais orientada pela multiplicidade de cultos de várias correntes religiosas do seu convívio. Ajuízam, ainda, a questão da imposição da Igreja Católica aos índios, sobretudo à época da colonização portuguesa. Diante do exposto, os alunos brasileiros reconhecem o catolicismo implantado ao Brasil, pelos portugueses, mas não desconsideram outras religiões do passado, bem como as atuais. A consciência histórica da Ariana assim se manifesta:

> [...] eu estou estudando história, sabe como é ne. Meu pai quer me batizar, por causa da religião católica. Tá ate parecendo os portugueses com os índios, querendo me obriga a fazer oque não quero. (Aluna do 8º. ano, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação/UFG, Goiânia).

A aluna revela certo rancor à história dos portugueses que impuseram algumas obrigações aos índios. Comparando a atitude do seu pai com a dos portugueses no sentido de obrigação religiosa. Ela manifesta um conflito de identidade religiosa e de estrutura familiar. A narrativa da Ariana contradiz a consciência histórica da aluna Lúcia, da cidade de Braga, que, por sua vez, fez a defesa da Igreja católica ao narrar a "liberdade de expressão no catolicismo". Para Ariana, não há liberdade e sim imposição a um tipo de religião.

A estudante Tereza mostra a confusão no início da colonização, manifestando como a religião foi imposta aos índios, como uma obrigação no sentido de cristianizar.

> Antes do Brasil ser colonizado, era habitado por Índios, nome que foi dado porque quando lá chegaram pensavam que estavam na Índia.
> Os índios tinham uma religião monoteísta e viram-se obrigados a cristianizar-se. (Escola secundária Camilo Castelo Branco. Vila Nova de Famalicão).

Em outra narrativa, da aluna Iza, a consciência histórica é construída a partir da história descrita pela avó e, assim, associada ao presente.

> Querida vovó
> Eu hoje fui a igreja, e vi que o padre falado [falando] sobre "américa portuguesa", por que ele dizia que quando os portugueses chegaram a primeira coisa que eles fizeram foi pregar a sua religião nos indigena ou seja catequizaram os índios. E lembrei que a senhora me contara que a sua tataravó dizia que o pai dela contava história sobre a colonização no Espirito Santo para ela cando [quando] pequeno.
> Ele contava que naquela epoca tudo era diferente avia muitos indigenas e grande quantidade de vegetação. E que os portugueses obrigava os indios a se tornar monoteísta, para se livra dos pecado e não irem para o inferno e salvar sua alma. Para isso teriam que se [r] Batizados e acredita na santa fé católica. [...] (14 anos de idade, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação/UFG, Goiânia).

A consciência histórica da estudante Iza se revela a partir de alguns fragmentos ligados à família e ao seu cotidiano. O conhecimento contado pela avó, a vivência à igreja, a atenção à fala do sacerdote e a descrição de parte da história brasileira à época da colonização portuguesa. Esta última, certamente, é a aprendizagem em aulas de história. A aluna percebeu a condição dos índios, que, foram catequizados e obrigados a serem *monoteístas*, livrando-se do pecado.

As categorias monoteístas e catequização são conceitos de segunda ordem (LEE, Peter, 2005), são reflexões de aprendizagem a partir de explicações em aulas. A Iza soube juntar os "fragmentos de família" e apresentar um conhecimento sobre a história religiosa da colonização do Brasil. Neste caso, o ensino de História tem um sentido para a aluna, pois lhe propiciou emitir alguns elementos; "conceitos substantivos" e de "segunda ordem", sendo, portanto, o conhecimento do passado associado ao presente, ou seja, ao mundo social. De fato, os "conceitos carregam uma bagagem temporal. Mas nosso mundo não consiste somente em exemplos de conceitos. Ele é

povoado também por coisas individuais e particulares, com passados particulares." (LEE, 2011, p. 20). Os conceitos representam um tempo histórico associado não apenas ao senso comum da Iza, mas lidos e ouvidos em aulas de História juntadas às falas, à comunicação em seu convívio. Neste aspecto, é coerente entender que a

> narrativa, portanto, não é um fim por si só, mas a sua finalidade é contribuir para gerar compreensão sobre o passado, ativando o pensamento de quem aprende. Desta forma, ela precisa ser explorada em aulas de História, pois narrar significa contar e recontar histórias, (SCHMIDT, 2008, p. 88).

Das narrativas investigadas se observam que a aprendizagem escolar é um conhecimento distante do dia a dia do aluno, do sujeito que narra. A narração da Iza é o fio de ligação entre a história escolar e a história do seu particular. É natural ser o conhecimento escolar subjetivo, sobretudo no sentido de que a prática deve-se articular à teoria. Na narrativa se observa que a aluna consegue elaborar um texto com descrições de vários elementos do seu mundo particular que vão além das explicações recebidas em aulas. O conhecimento narrado pela aluna apresenta-se bastante fragmentado sobre a história ensinada. É pertinente às afirmações e fundamentações de Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt acerca da aprendizagem histórica:

> [...], o que nos leva a questionar os sentidos conferidos à concepção do 'aprender história', bem como à cognição histórica, em aulas de história, que não têm contribuído para que os jovens possam construir narrativas mais globais, bem como possam inserir os conteúdos e a natureza da história em suas vidas. Tal fato pode ser explicado porque os professores continuam muito presos ao livro didático e a narrativa dos manuais torna-se predominante, bem como pelo fato de que a atenção aos conceitos substantivos e às idéias de segunda ordem não estar ainda em pauta no ensino de História. Um necessário despertar para investigações que possam balizar a intervenção e auxiliar na formulação de metodologias nesta perspectiva é a exigência que se apresenta. (2008, p. 91)

A narrativa da aluna Mara expressa uma consciência histórica a partir do conceito substantivo – colonização portuguesa – e aos conceitos de segunda ordem como: patrimônio cultural, religião, Igreja da Boa Morte, "Goiás Velho". Para tanto, esta aluna articula a história do catolicismo com a Cidade de Goiás e ao patrimônio cultural, cuja representação histórica é a Igreja da Boa Morte. Mostrando, portanto, a religião a partir de um monumento do passado colonial. A Cidade de Goiás, onde se localiza a Igreja da Boa Morte, é um patrimônio da humanidade tombado pela UNESCO em 2001.

> Olá, Querido amigo [...], irei contar um pouco sobre a religião que durou desde a colonização portuguesa.
> Uma das principais religiões desde a antiguidade é considerada como a católica, que resistiu e está presente na nossa cultura e religião um exemplo é a igreja "Da boa morte" que se localiza no Goiás Velho[12], e que é um patrimônio cultural conservado, que está exposto ate, hoje que fez parte do Brasil e de suas descobertas.
> [...], espero que você venha me visitar e conhecer nosso patrimônio cultural [...]. (aluna do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação/UFG, Goiânia).

A consciência histórica da Mara "torna o passado significativo" (RÜSEN, 2009, p. 164) a partir de sua observação (visual). Ela soube perfilar o caminho da memória apreendida no patrimônio cultural da Igreja Boa Morte, e, assim, "dar sentido ao passado" (RÜSEN, 2009, p. 164). Ela buscou na memória, longe da sala de aula, os elementos necessários para a composição da aprendizagem, que traz à luz uma consciência histórica em seu texto. Esta aluna orientou-se pelos fragmentos de um tempo ajuntado à lembrança do passado com o passado no presente (atualidade). E, portanto, mostrou sua *experiência de tempo presente* (SCHMIDT, 2008), na elaboração de uma história da religião a partir do seu convívio. Assim:

> Seja qual for o modo em que a *consciência histórica* penetra no passado, como no itinerário dos arquivos da memória, o impulso para esse retorno é sempre dado pelas experiências do tempo presente. Ou seja, a *consciência histórica* é o local em que o passado é levado a falar e este só vem a falar quando questionado; e a questão que o faz falar origina-se da carência de orientação na vida prática atual, diante das suas experiências no tempo. Trata-se de uma lembrança interpretativa que faz presente o passado, no aqui e agora (SCHMIDT, 2008, p, 85).

Do conhecimento narrado pela aluna Mara, pode-se ir até Rüsen para entender que:

> A história é uma forma elaborada de memória, ela vai além dos limites de uma vida individual. Ela trama as peças do passado rememorando em uma unidade temporal aberta para o futuro, oferecendo às pessoas uma interpretação para ajustar os movimentos temporais de suas próprias vidas (p. 164).

[12] "Goiás Velho" é a atual Cidade de Goiás, antiga Vila Boa de Goyaz, onde se localizavam as minas auríferas descobertas por Bartolomeu Bueno da Silva, no século XVIII. Em 1818, Vila Boa de Goyaz foi elevada à Cidade de Goiás e permaneceu como capital do estado de Goiás até década de 1930. A partir da década de 1930, a capital foi se transferindo para Goiânia, em 1942 ocorreu o batismo cultural da cidade com várias festividades. A Cidade de Goiás é tombada pela UNESCO como Patrimônio Histórico da Humanidade no ano de 2001.

Nas narrativas de estudantes portugueses observa-se a preponderância de uma consciência histórica concebida a partir de uma concepção de "tradição dogmática e de um passado fixo" (BARCA, 2011), a respeito do catolicismo como sendo a religião cristã ordenadora do caos no Brasil colônia. Já os alunos brasileiros investigados apresentam algumas tendências de "passado fixo" mutável pelo reconhecimento de uma memória histórica e mesmo de conflito com o passado católico; como é o conflito de identidade religiosa da Ariana. Esta apresenta "[...] uma consciência crítica, que simplesmente recusa um certo passado e advoga a sua desconstrução para criar o oposto" (BARCA, 2011, p. 7). Entretanto, a aluna não avança no sentido de desenvolver uma consciência histórica que justifique o oposto.

Apesar das narrativas dos alunos investigados apresentarem perspectivas de uma consciência histórica sobre a religião católica como meio de salvação dos índios e de imposição dos sacramentos como o batismo, bem como o extermínio de crenças não católicas na colonização do Brasil, cabe dizer que alguns conceitos foram apresentados. No entanto, não se afloraram o desenvolvimento de conceitos que exteriorizassem uma consciência mais orientada e fundamentada da ciência histórica ou da disciplina História.

Considera-se, portanto, que as pesquisas em Educação histórica têm trazido ao debate temas importantes como a metodologia de ensino, as aprendizagens escolares, a "cognição histórica situada", e a história como ciência acadêmica e o saber escolar ao mesmo tempo. Compartilho com Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt ao afirmar que os estudos exploratórios em Educação histórica, nas últimas décadas, abrem um leque de lacunas das temáticas do currículo escolar. Neste sentido, a Educação histórica vem

> [...] contribuir para a formação de sua consciência histórica, bem como para desenvolver encaminhamentos metodológicos de natureza histórica e aprofundar os estudos teóricos nesse campo, com o objetivo de qualificar as intervenções pedagógicas em aulas de História (SCHMIDT, 2008, p. 95).

Para a disciplina História, as temáticas das religiões, religiosidades ou espiritualidades relacionam-se à identidade cultural. Tais temáticas devem ser estudadas para uma melhor compreensão e interpretação do mundo passado, presente para as perspectivas futuras. Os métodos de ensino carecem, ainda, de um recorte temporal de longa duração para o desenvolvimento dos conceitos e das categorias históricas aplicáveis em aulas. Deve-se incentivar o aluno a desenvolver uma consciência histórica de orientação articulada ao passado, ao presente e a perspectivas futuras, apreendendo o sentido do estudar história. Acredito, portanto, que a Educação histórica tem, ainda, muito a colaborar com o ensino de história em vários países. O método de

investigação desta linha propicia a compreensão não somente de como e do porque os alunos narram. As narrativas abrem possibilidades para novas investigações sobre o ensino da história, o que se constata na narrativa da aluna Mara e de outros alunos de escolas brasileiras e portuguesas. O texto da Mara e de vários alunos assinalam outras temáticas possíveis de serem estudadas em aulas de História e investigadas, seja na escola ou em outro ambiente. E assim observar o uso público da História, bem como a percepção de uma consciência histórica seja a local ou a externa.

Na imagem da *Igreja da Boa Morte* se observa como a memória da aluna traz à luz parte da história da Cidade de Goiás associada a fragmentos, vividos por ela e estudados em aulas. A narrativa da Mara é o reencontro com o passado representado, historicamente, na Igreja da Boa Morte, atual *Museu de Arte Sacra*, e pelas duas ruas que se encontram à porta frontal deste Museu, e à praça principal da Cidade, onde se localiza o atual *Museu Conde dos Arcos* (antigo palácio Conde dos Arcos).

A fonte (narrativa da aluna Mara) é a evidência de experiências circunscritas ao espaço coletivo e individual da população *vilaboenses* entre os séculos XVIII e XXI (atualidade). E isto se pode comprovar ao olhar a imagem da Igreja da Boa Morte, que traz à luz a expressão histórica da Cidade de Goiás.



Fonte: Igreja da Boa Morte – Cidade de Goiás – Goiás – Brasil. http://www.mochileiro.tur.br/goiasvelho Acesso em 20 de jul. de 2012.

A narrativa escrita pela Mara traz possibilidades de compreensão da cultura religiosa do presente no contexto *vilaboense* herdado do século XVIII. E, deste modo, se constrói a imagem histórica da religiosidade apreendida a partir da narrativa elaborada pela aluna, sobretudo o sentido da história articulado entre o conhecimento escolar e social.

Enfim, as narrativas investigadas apontam para novos estudos e pesquisas sobre religião a partir do patrimônio tombado. Neste sentido, a consciência histórica é a memória que reflete a história de gerações passadas. Seguindo a matriz rüsiana pode-se perceber que:

> as perspectivas orientadoras são teorias do aprendizado histórico que explicam o processo evolutivo da consciência histórica nos adolescentes, cujos métodos consistem em regras de procedimento de comunicação. É a comunicação que se forma, intencionalmente, a consciência histórica. (RÜSEN, 2001, p.50-51)

As narrativas dos adolescentes permitem ao pesquisador tecer uma estrutura analítica para a compreensão da religião católica à época da colonização portuguesa; no tempo da colonização, de como os índios passaram a ser vistos pelos portugueses e, ao mesmo tempo, catequizados, no esquadrinhamento da Igreja Católica, de como o cristianismo encontra-se presente cotidianamente nos eventos sociais e culturais, mas ausentes nos materiais didáticos.

Referências

BARCA, Isabel. Educação Histórica: uma nova área de investigação. **Revista da Faculdade de Letras História,** Porto, III série, v. 2, p. 13-21, 2001.

BARCA, Isabel. Narrativas históricas de alunos em espaços lusófonos. In: BARCA, Isabel. **Consciência Histórica na Era da Globalização.** Atas das XI Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Realizadas de 15 a 18 de Julho de 2011, Instituto de Educação da Universidade do Minho / Museu D. Diogo de Sousa, Braga/Pt, p.7-27.

Igreja da Boa Morte – Cidade de Goiás – Goiás – Brasil. Disponível em: http://www.mochileiro.tur.br/goiasvelho Acesso em 20 de jul. de 2012.

LEE, Peter. Por que aprender História? **Educarem Revista,** Curitiba, Brasil, n. 42, p. 19-42, out./dez. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602011000500003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt Acesso em: 05/jul./ 2012.

LEE, Peter. Putting principles into practice: understanding history. In: BRANSFORD, J.; DONOVAN, M.S.(Eds.). **How students learn:** his-

tory, math and Science in the classroom.Washington, DC: Nacional Academy Press, 2005.

Narrativas de alunos (as) de 8º. ano, educação básica. Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação - CEPAE/Universidade Federal de Goiás.

Narrativas de alunos (as) de 8º. ano escolar. Escola São Torcato/Guimarães, Portugal.

Narrativas de alunos (as) 8º. ano escolar. Escola André Soares, Braga, Portugal.

Narrativas de alunos da Escola secundária Camilo Castelo Branco, em Vila Nova de Famalicão.

RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. **História da historiografia**, n. 02, março de 2009, p. 163-209. Disponível em: http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/12 Acesso em; 10/ abr./ 2012.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica:** Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica. Trad. Estevão Costa de Rezende Martins. Brasília: Editora da UnB, 2001.

SADDI, Rafael. Educação histórica como Meta-hermenêutica. In: BARCA, Isabel. **Consciência Histórica na Era da Globalização.** Atas das XI Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Realizadas de 15 a 18 de Julho de 2011, Instituto de Educação da Universidade do Minho/Museu D. Diogo de Sousa, Braga/Pt, p. 541-554.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Isabel Barca; et. al. (Org.). **Jörn** RÜSEN e o ensino de história. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. Cognição histórica situada: Que aprendizagem histórica é está? In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel. **Aprender história:** perspectivas da educação histórica. Ijuí/PR: Ed. Unijuí, p.21-51, 2009, v.3.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. Perspectivas da consciência histórica e da aprendizagem em narrativas de jovens brasileiros. **Tempos Históricos**, v. 12, p. 81-96, 1º semestre 2008. Disponível em: http://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/1945/1537 Acesso em: 03 de jul. de 2012.

SILVA, Maria da Conceição. Investigação em Educação Histórica: análises da temática religião em textos didáticos de História. **Educar** *em Revista, Curitiba, Brasil, n. 45, p. 259-272, jul./set. 2012.*

Artigo recebido em 08-06-2014, revisado em 13-10-2014 e aceito para publicação em 09-12-2014.